

DIANA V. ALMEIDA

Harder. Better. Faster. Stronger | Rir na rebentação

Harder. Better. Faster. Stronger

«Work it, make it / Do it, makes us / Harder, better / Faster, stronger»
Daft Punk (Big band funk cover)

Já me havias explicado tim-tim por tim-tim
que suavas por despique como homem reto
tanta hora frente ao forno queimando a pele
espetando a crosta para apurar textura
por despique mal dormias somando cifras nas folhas
de cálculo – de prata está o inferno cheio sabemos
(por ti sem pecado capital, embora
o prazer, esse, fosse um
pouco corrupto verga-
do desejo recalçado

aqui a festa
puxa riso depõe medos
a língua subindo tudo).

Ficou assim o esteio na cama
pois de resto eram sacas de farinha, massa mãe e missões,
trocadas as confidências pelo triunfo do dever cumprido

o sucesso a rapidez a força competindo
contra a maldição da dor esquecias
o luto da traição no cansaço que comia os dias
– caías
no sofá enquanto eu apurava a sopa
pedindo sossego aos bichos para te guardar
os nervos explodindo por vezes sem aviso
sempre cheio de razões (pois
além de engenheiro diplomado
és Khalsa tirando a kara
só no sexo e no sono).

E eu deixei-me
submissa ao plano de longa duração
aturdida ainda no fulgor do encontro e
da promessa teimosa recusei ver
os sinais teu autismo raivoso
celebrando como nossas tuas vitórias
distráida no encanto do final feliz
(sobre raias afinal, dizia
eu, nada sei de ficar ele vem
do casamento persevera sustenta
senhor
contra tua ira argumentava calava consentia
compassiva feminil urdindo recursos na prática de
amparar teus dias no labor de pequenas tarefas
meu dever
– enchia-me
de histórias) teu sémen sujando os lençóis
apuravas o caminho da volúpia por meus lábios
curioso e sedento, sem vacilar de fadiga então

mas se ousasse reparar disparidade era mesquinha
e quando ia doar o meu domínio
aborrecias meus amigos meu trabalho
descortês atalhando minha fala
com enfado ao pormenor, enchias então
a boca de teus bens – filhos, tio, pai e mãe, aventuras da tropa

no álbum onde vi embevecida teus primeiros passos
no pijama riscado que usaste até mais não
(oh, delícia devota de velar raros segredos, cúmplice!)
perguntei se gostarias de ver
minhas memórias, claro, disseste
e tomaste-me por trás.

Repete a vida seus reptos
até sabermos seguir
– atentos sem mácula
cientes cingindo solidão e glória,
embora o mote do teu último post no título
(que catei por nostalgia, agora desamigada)
aponte um modelo superlativo
mais próximo da máquina, menos do amor
tampouco da poesia, sem mais valia
inferior modo de ocupar os dias
com exceção das escrituras, claro,
para recitar enlevado de turbante azul,
mas tal foi obra dos Gurus
com tempo de sobra para a piedade
e para a peleja

Deus nos abençoe sempre
e nos livre da certeza.

Nota: Escrevi noutros lugares sobre o rude heroísmo dos homens, que se ferem para deitar sangue, não podendo de outro modo consagrar oferenda à Terra. Mas eu, filha da Deusa, canso tamanho arremedo, choro ao ver irmãos, amantes reclusos em tal roda, pedindo reparo em luta, fixados no vórtice da superação. Em parte, virá tal dor de modelos de masculinidade tóxica, legado do paradigma patriarcal que ainda nos rege, sabemos. Ou de natural (perdoe-me a essência quem é do relativismo pós-estruturalista) pendor para a guerra que, por gentileza, alguns trazem ao domínio subjetivo, colocando-se sob a tensão de maximizar. Em última instância, porém, parece-me daqui advir certo desprezo ao corpo, terreno propício à batalha contra seus mesmos limites – vide rituais iniciáticos em que se dança pendurado ao sol furando a pele.

Ora, para fêmea, aculturada aos instintos, entre os quais maternidade, nos seus vários manifestos, este filme estreita o peito. E em vez de soltar o grunhido da guerreira ferina, vem ao de cima a mártir, coração trespassado de setas, gotejando, no altar do sacrifício duplo. Difícil, então, conhecer limites, neste giro, em que se cede lugar. Perdendo a graça do respeito próprio, os homens ficam brutais, as mulheres adoecem, diminuem, amuam. Disto falo também.

*

Rir na rebentação

Sou

corpo sólido
frágil fronteira
contra a queda casa
gozo e morte
porta termo
tecendo cortando
ligando células
igual movimento
vivo
cruzando galáxias
corpo cosmos
aberto ao devir

(consideremos, porém, percentagens (in)-
certezas números vírus intriga
apesar de medo desejo ou por isso mesmo)
pendemos para o salto superar a densidade
crescendo da terra ao éter direto mistério

hoje o nevoeiro desfez céu e mar
seguem gaivotas noutra dimensão
simetria demarcando
ritmos cardinais rotas ignotas
(passíveis, contudo, de planos migratórios,
quadros, mapas, gráficos, paralelas)

vejo uma veia pulsar
no pé circuito anil
entre grãos de areia
globos cristalinos
mínimas conchas
tatuando a pele – rara
beleza do mundo
por onde
vamos
rastos de luz

(como brilhar ainda, sabendo
repetida desgraça riscando
por força a retina
linhas para ver
contra o infinito?)

enuncia meu corpo
seus ângulos firme
nexo com o mundo
e assim consolidado
o trabalho ténue
de cada gesto no ritmo
do respir
ar precioso

Sou

una nua
sob o sol
o sal na pele
radiante real

entro no mar
chão que me chama
sua brandura cristalina
quero guardar
o júbilo das águas, primeira casa

minha morada movente, cor-
rente enleando os membros
dada ao prodígio do sal, flutuo
olhos de céu vasto vazio
onde voam ágeis nuvens
iguais águas aéreas

entro no mar
vendo o corpo ganhar
novos contornos halo
poalha áurea
na curta rebentação
tremulante. Avanço de-
vagar por entre as ondas translúcidas
gritando agreste alegria
brusco frio contra o fogo
do sol nos poros a pele
cintilante reverbera

vejo peixes ágeis serpentes oscilantes
sem princípio nem fim sabendo ser
o mar tudo
menos sólido

e já de braços em terra
entregue à força mais grave
chupo longo travo a sal
sinto o sol entrar na pele
gota a gota restolhar
canaviais na falésia
ouço algas cheiro vento
abro nos dedos os lábios
embalada pela trova
lateja o sangue no ventre

aleluia, nosso hino

Praia da Galé, Melides, setembro 2020
Sintra, outubro 2021

NOTA BIOGRÁFICA

Diana V. Almeida lecionou no ensino superior entre 1997 e 2020, tendo sido Professora Auxiliar Convidada na FLUL desde 2007. Embora continue como investigadora do CEAUL (Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa), onde realizou o pós-doutoramento em Literatura e Arte (sob a ótica da identidade de género) e Estudos de Museu, de momento dedica-se sobretudo à tradução e ao desenvolvimento humano, através de projetos de escrita, de fotografia e de terapias energéticas, unidas ao Kundalini Yoga, de que é professora certificada. Saiu em dezembro de 2021 o seu primeiro livro de poesia, *Cosmos e casas*, pela editora Urutau. Site – dianavalmeida.com.